



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhão-Lisboa • Telefone 5539 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Sonhai, sonhai...

Como aqui tivéssemos posto a clara os intuições maveríticos denunciados no congresso patronal, veio há dias a C. P. (estas iniciais significam Confederação Patronal) declarar no seu órgão oficial (o *Diário de Notícias*) que não queria, que não tem intenções guerreiras, que não quer acirrar ódios, que não quer esmagar as associações operárias, etc., etc., mas antes estabelecer a paz entre o Capital e o Trabalho.

E é para o estabelecimento desta paz entre o Capital e o Trabalho que se preconiza a organização dos somatérios, a instalação dos arsenais por freguesias ou bairros, a corrupção de militares da política operária e, finalmente, a violação da correspondência dos organismos sindicais.

Ora para haver paz entre duas partes conflituosas é indispensável que tenham combinado entre si um certo número de condições que as satisfazam. São essas condições que nós não discutimos. Condições só conhecemos as propostas no congresso patronal, condições leoninas que seriam para nós de inteira e absoluta sujeição, o que nos leva a concluir que as *fórcas vivas* se consideram a parte vencedora e nos consideram a nós os vencidos.

A verdade é que estamos muito convencidos de que nunca a vitória esteve tão próxima de nós como neste momento.

Não há a estabelecer uma paz entre o Capital e o Trabalho, cuja tarefa impossível de conseguir como o convívio amigável do lobo e do cordeiro. Este acabaria por ser devorado por aquele. Os interesses do Capital e do Trabalho são inconciliáveis no ponto de vista social. O industrial enriquece pelo maior esforço dos seus operários, o comerciante pela subtração de valores ao consumidor. Os que detêm a propriedade e os meios de produção não se preocupam na utilização destes meios e valores dos interesses colectivos, mas desses individuais. E são estes interesses que se opõem ao bem-estar geral,

sendo por isso inevitável e humano que desapareçam. Não há da nossa parte um ódio contra os indivíduos que estão colocados numa posição social oposta à nossa.

Não é contra os indivíduos que esse ódio se manifesta: é contra as instituições da propriedade privada, do regime de trabalho que estabiliza a exploração duns homens pelos outros, do comércio lucrativo, instituições que permitem a desigualdade social, a miséria extrema em círculo com o trabalho servil e o aviltamento moral, dum lado; o usufruto de todos os gozos intelectuais e materiais sem o despêndio, tantas vezes, de energia no desempenho de funções úteis, do outro.

Não há que estabelecer a paz entre o Capital e o Trabalho. Pela nossa parte, com toda a franqueza o dizemos, não entraremos nunca em negociações para o estabelecimento dessa impossível harmonia. O que há a fazer, e para isso trabalhamos, é suprimir as funções do Capital, por imprestáveis, por desnecessárias, por inconvenientes e opressivas da liberdade económica dos trabalhadores.

E isso far-se há sejam quais forem as medidas defensivas da classe patronal. São as circunstâncias que assim o determinam. E essas circunstâncias criaram a guerra, essa guerra a que acabamos de assistir, que devoram riquezas colossais acumuladas pelas gerações pretéritas e tritou milhares de vidas humanas, guerra que foi por seu turno uma consequência das tendências imperialistas dos Estados históricos e das intenções de domínio económico das diversas frações capitalistas.

A rutura do sistema social pre-existente tem de operar-se porque o mal estar das populações, aqui como no resto da Europa e da América, agrava-se dia a dia e já não há soluções possíveis dentro deste sistema.

Paz entre o Capital e o Trabalho? É um sonho infensivo. O despertar será tanto mais doloroso quanto mais prolongado for o sonho.

mentavelmente os sindicatos que por condições especiais não podem lutar com tantas probabilidades de êxito. Assim há operários também cujo salário oscila entre 3 e 5 pesetas.

Esta tática é profundamente immoral, porque desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Deve efectuar-se amanhã a festa comemorativa do 1.º aniversário do Sindicato Único de Lisboa das Classes Mobiliárias de Lisboa.

Entre os operários da indústria lava grande e juntificado, entusiasmo por esta festa, na qual será inaugurada a bandeira, que foi oferecida por um grupo de sindicatos.

Pelas 14 horas terá lugar a sessão solene, na qual farão uso da palavra delegados da U. S. O., F. N. I. M. e vários militantes da organização operária, visto tratar-se da melhoria da sua situação económica, assumido que já vinha sendo debatido em anteriores sessões.

Depois de larga discussão, ficou aprovada a proposta da comissão executiva a que a imprensa largamente se referiu há tempos e pela qual os empregados da câmara ficam equipados em vencimentos aos do Estado, tendo apesar sofrido umas leves alterações provenientes da proposta do sr. Rodrigues Simões.

A proposta abrange o pessoal jornalístico que é melhorado com a subvenção de 100% sobre a que actualmente lhe é atribuída.

Pelas 20 horas, o camarada Manuel Joaquim de Sousa, secretário da C. G. T., realizará uma conferência.

O Sindicato Único das Classes Mobiliárias distribuiu um convite a todos os sindicatos para assistirem a esta festa.

Na sua última reunião, o Conselho Jurídico da C. G. T. realizou a sua sessão solene, na qual farão uso da palavra delegados da U. S. O., F. N. I. M. e vários militantes da organização operária, seguindo-se a inauguração da bandeira.

No referido manifesto, que temos aqui sobre a nossa banca de trabalho e o qual, por extenso não podemos transcrever integralmente, dividido em três capítulos de redação clara e concisa.

Esses capítulos intitulam-se: *Acção presente e ação futura*, *Acção futura e ação final*.

No primeiro capítulo explica a C. G. T. o que tem sido a ação dos sindicatos operários até à presente data. Apenas se tem procurado engrasar as fileiras do proletariado com indivíduos que colocam acima dos interesses morais os interesses materiais. A ação do proletariado tem-se limitado à exigência de mais dinheiro e à luta pela redução de horas de trabalho.

As profissões que possuem sindicatos fortes conseguem salários altos de quinze e vinte pesetas, esquecendo la-

Tantos preparativos!

Conta-nos um dos nossos informadores da Arcada:

O alto comissário determinou que o centro de aviação da província de Angola seja montado no Huambo. Construir-seão ali quatro hangares, devendo ser construído um campo de aterrisagem com capacidade de manutenção de 100 aeronaves. O material de aviação, que daqui pôrás ser transportado em caminho de ferro para Huambo. No Lubango será construído um campo de aterrisagem com as respectivas instalações.

Além por determinação do alto comissário vai ser organizados orçamentos, separado, de cada serviço da província de Angola.

Lendo, há tempo, a nota do funcionário militar e civil que o sr. Norton de Matos se propõe levar para Angola, ficámos com a impressão de que o alto comissário se propõe ser um rei daquele grande colónia.

Anita esta nova informação mais se radicaliza essa nossa desconfiança.

Ainda havemos de ver a República em luta com o sr. Norton...

NO PAÍS VIZINHO

A Confederação Nacional do Trabalho resolve adoptar uma nova tática revolucionária

Segundo um manifesto recente que a Confederação Nacional do Trabalho espanhola fez distribuir profusamente, vê-se que é importante organismo operário, contra o qual a burguesia tem movido, tam violentas perseguições, vai mudar de tática, a fim de interessar os trabalhadores pela questão moral em que assenta a emancipação do povo.

Este referido manifesto, que temos aqui sobre a nossa banca de trabalho e o qual, por extenso não podemos transcrever integralmente, dividido em três capítulos de redação clara e concisa.

Esses capítulos intitulam-se: *Acção presente e ação futura*, *Acção futura e ação final*.

No primeiro capítulo explica a C. G. T. o que tem sido a ação dos sindicatos operários até à presente data. Apenas se tem procurado engrasar as fileiras do proletariado com indivíduos que colocam acima dos interesses morais os interesses materiais. A ação do proletariado tem-se limitado à exigência de mais dinheiro e à luta pela redução de horas de trabalho.

As profissões que possuem sindicatos fortes conseguem salários altos de quinze e vinte pesetas, esquecendo la-

mentavelmente os sindicatos que por condições especiais não podem lutar com tantas probabilidades de êxito. Assim há operários também cujo salário oscila entre 3 e 5 pesetas.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

mentavelmente os sindicatos que por condições especiais não podem lutar com tantas probabilidades de êxito. Assim há operários também cujo salário oscila entre 3 e 5 pesetas.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo — *Acção futura* — explica largamente a nova tática, que consiste em cada sindicato se dedicar a um grandioso trabalho de estatística, a fim de se conhecer o preço real dos artigos e gêneros. Os sindicatos, uma vez sabedores desses preços, não os vendem ao povo por preços superiores. As greves serão feitas, para o futuro, a fim de conseguir o barateamento dos gêneros.

O último capítulo resume-se a uma afirmação de princípios comunista — verdadeira finalidade a alcançar.

Portanto desvia o operariado revolucionário do seu verdadeiro objectivo.

“Não. Temos o dever — diz o manifesto — de declarar quantas vezes seja preciso, que a nossa finalidade não é alcançar uma peseta mais no salário, mas sim o estabelecimento de uma sociedade justa e humanitária, baseada na liberdade individual e livre associação do produtor para pôr fim à exploração do homem pelo homem”.

No segundo capítulo

CONGRESSO NACIONAL

DO

Partido Socialista Francês

Blum não respondeu ontem como se desejaria quando Vaillant-Couturier lhe perguntava em que casos a defesa nacional era aceitável. Pode supor-se que amanhã a Alemanha, não podendo satisfazer as condições draconianas do tratado de Versalhes, a que ainda há pouco se referiu Clara Zetkin, seja invadida pelas tropas da Entente. Que poderá fazer então o proletariado da Alemanha? Ou resistir ao seu governo ou derrubá-lo e substituir-lhe para resistir ao imperialismo da Entente. Actualmente, o único perigo de guerra, nesse país, só pode vir do capitalismo e do imperialismo da burguesia. Por isso eu, que não sou um homem de doutrina mas um homem de ação, solidarizo-me com Cachin para dizer ao proletariado desse país que para a guerra capitalista não há defesa nacional.

As exclusões

Frossard pronunciou-se sobre a questão das exclusões. Não pode havê-las por motivos de factos passados. Se o comité direutivo tiver que ocupar-se de

exclusões não será senão por actos de disciplina caracterizados contra as decisões que saírem desse congresso.

Em nome da maioria solidária, eu digo: que não de exclusões. Não pode ser de outra maneira. Desonra-me que se quecesse a solidariedade que nos ligou quando lutávamos juntos com camaradas que não estão connosco neste Congresso para o levantamento do Partido. Se a exclusão de Longuet pudessem sair desse Congresso eu iria com ele. Nada pode modificar a nossa resolução a este respeito.

Somos contra a política de aventuras. Não lançaremos amanhã o proletariado sob as metralhadoras do sr. Millerand. Fazemos a nossa preparação revolucionária para a organização, educação e recrutamento. Levaremos para esta obra a nossa audácia e a nossa prudência, ao mesmo tempo. A nossa política clara, energica, penetrará nas cidades esbordando nesses campos que marcham hoje para a Revolução russa como se marcha para o canhão.

A hora das separações souz talvez, e Blum deseja que mais tarde possamos

defrontar-nos sem nos injuriar. Eu não os insultarei nunca. Há homens que conhecem há quinze anos e que são socialistas, afirmo-o: Blum, que trouxe para o Partido o seu talento e o seu carácter, Remaudel, com o qual nunca estive de acordo mas cuja coragem e cuja probidade quero saudar, pois dele dissemos frequentemente: «Que força não poderia ter para a Revolução!» Digo o que penso...

Muitas vozes da extrema esquerda.

Frossard.—Brace, que deu a sua vida ao socialismo e que evoca fatalmente a figura do mestre de todos: Jules Guesde. Devo-lhe esta homenagem e presto-lha.

Depois, voltando-se para o centro:

Não devés deixar-nos. Nós precisamos de vós e vós precisais de nós.

Evocando as horas trágicas em que a reacção francesa espreitava Jean Longuet, contra a qual se tramava um complot político que podia levar-a uma condenação, Frossard, com uma emoção que empolga o Congresso, adjura o centro a não esquecer já mais essas horas vividas em comum, a ficar no Partido onde tem o seu lugar e um papel para as batalhas futuras. Termina por uma saudação à Juventude, regosando-se por vê-la afilhar ao Partido, e cita a frase de Jaurès: «O caminho está ladeado de túmulos mas conduz à justiça.»

Prolongados aplausos coroam esta perorização, decidindo o Congresso, por unanimidade, a impressão do discurso de Frossard.

As exclusões

Frossard pronunciou-se sobre a questão das exclusões. Não pode havê-las

por motivos de factos passados. Se o

comité direutivo tiver que ocupar-se de

exclusões não será senão por actos de

disciplina caracterizados contra as

decisões que saírem desse congresso.

Em nome da maioria solidária, eu digo: que não de exclusões. Não pode ser de outra maneira. Desonra-me que se quecesse a solidariedade que nos ligou quando lutávamos juntos com camaradas que não estão connosco neste Congresso para o levantamento do Partido. Se a exclusão de Longuet pudessem sair desse Congresso eu iria com ele. Nada pode modificar a nossa resolução a este respeito.

Somos contra a política de aventuras. Não lançaremos amanhã o proletariado sob as metralhadoras do sr. Millerand. Fazemos a nossa preparação revolucionária para a organização, educação e recrutamento. Levaremos para esta obra a nossa audácia e a nossa prudência, ao mesmo tempo. A nossa política clara, energica, penetrará nas cidades esbordando nesses campos que marcham hoje para a Revolução russa como se marcha para o canhão.

A hora das separações souz talvez,

e Blum deseja que mais tarde possamos

defrontar-nos sem nos injuriar. Eu não os insultarei nunca. Há homens que conhecem há quinze anos e que são socialistas, afirmo-o: Blum, que trouxe para o Partido o seu talento e o seu carácter, Remaudel, com o qual nunca estive de acordo mas cuja coragem e cuja probidade quero saudar, pois dele dissemos frequentemente: «Que força não poderia ter para a Revolução!» Digo o que penso...

Muitas vozes da extrema esquerda.

Frossard.—Brace, que deu a sua vida ao socialismo e que evoca fatalmente a figura do mestre de todos: Jules Guesde. Devo-lhe esta homenagem e presto-lha.

Depois, voltando-se para o centro:

Não devés deixar-nos. Nós precisamos de vós e vós precisais de nós.

Evocando as horas trágicas em que a reacção francesa espreitava Jean Longuet, contra a qual se tramava um complot político que podia levar-a uma condenação, Frossard, com uma emoção que empolga o Congresso, adjura o centro a não esquecer já mais essas horas vividas em comum, a ficar no Partido onde tem o seu lugar e um papel para as batalhas futuras. Termina por uma saudação à Juventude, regosando-se por vê-la afilhar ao Partido, e cita a frase de Jaurès: «O caminho está ladeado de túmulos mas conduz à justiça.»

Prolongados aplausos coroam esta perorização, decidindo o Congresso, por unanimidade, a impressão do discurso de Frossard.

As exclusões

Frossard pronunciou-se sobre a questão das exclusões. Não pode havê-las

por motivos de factos passados. Se o

comité direutivo tiver que ocupar-se de

exclusões não será senão por actos de

disciplina caracterizados contra as

decisões que saírem desse congresso.

Em nome da maioria solidária, eu digo: que não de exclusões. Não pode ser de outra maneira. Desonra-me que se quecesse a solidariedade que nos ligou quando lutávamos juntos com camaradas que não estão connosco neste Congresso para o levantamento do Partido. Se a exclusão de Longuet pudessem sair desse Congresso eu iria com ele. Nada pode modificar a nossa resolução a este respeito.

Somos contra a política de aventuras. Não lançaremos amanhã o proletariado sob as metralhadoras do sr. Millerand. Fazemos a nossa preparação revolucionária para a organização, educação e recrutamento. Levaremos para esta obra a nossa audácia e a nossa prudência, ao mesmo tempo. A nossa política clara, energica, penetrará nas cidades esbordando nesses campos que marcham hoje para a Revolução russa como se marcha para o canhão.

A hora das separações souz talvez,

e Blum deseja que mais tarde possamos

defrontar-nos sem nos injuriar. Eu não os insultarei nunca. Há homens que conhecem há quinze anos e que são socialistas, afirmo-o: Blum, que trouxe para o Partido o seu talento e o seu carácter, Remaudel, com o qual nunca estive de acordo mas cuja coragem e cuja probidade quero saudar, pois dele dissemos frequentemente: «Que força não poderia ter para a Revolução!» Digo o que penso...

Muitas vozes da extrema esquerda.

Frossard.—Brace, que deu a sua vida ao socialismo e que evoca fatalmente a figura do mestre de todos: Jules Guesde. Devo-lhe esta homenagem e presto-lha.

Depois, voltando-se para o centro:

Não devés deixar-nos. Nós precisamos de vós e vós precisais de nós.

Evocando as horas trágicas em que a reacção francesa espreitava Jean Longuet, contra a qual se tramava um complot político que podia levar-a uma condenação, Frossard, com uma emoção que empolga o Congresso, adjura o centro a não esquecer já mais essas horas vividas em comum, a ficar no Partido onde tem o seu lugar e um papel para as batalhas futuras. Termina por uma saudação à Juventude, regosando-se por vê-la afilhar ao Partido, e cita a frase de Jaurès: «O caminho está ladeado de túmulos mas conduz à justiça.»

Prolongados aplausos coroam esta perorização, decidindo o Congresso, por unanimidade, a impressão do discurso de Frossard.

As exclusões

Frossard pronunciou-se sobre a questão das exclusões. Não pode havê-las

por motivos de factos passados. Se o

comité direutivo tiver que ocupar-se de

exclusões não será senão por actos de

disciplina caracterizados contra as

decisões que saírem desse congresso.

Em nome da maioria solidária, eu digo: que não de exclusões. Não pode ser de outra maneira. Desonra-me que se quecesse a solidariedade que nos ligou quando lutávamos juntos com camaradas que não estão connosco neste Congresso para o levantamento do Partido. Se a exclusão de Longuet pudessem sair desse Congresso eu iria com ele. Nada pode modificar a nossa resolução a este respeito.

Somos contra a política de aventuras. Não lançaremos amanhã o proletariado sob as metralhadoras do sr. Millerand. Fazemos a nossa preparação revolucionária para a organização, educação e recrutamento. Levaremos para esta obra a nossa audácia e a nossa prudência, ao mesmo tempo. A nossa política clara, energica, penetrará nas cidades esbordando nesses campos que marcham hoje para a Revolução russa como se marcha para o canhão.

A hora das separações souz talvez,

e Blum deseja que mais tarde possamos

defrontar-nos sem nos injuriar. Eu não os insultarei nunca. Há homens que conhecem há quinze anos e que são socialistas, afirmo-o: Blum, que trouxe para o Partido o seu talento e o seu carácter, Remaudel, com o qual nunca estive de acordo mas cuja coragem e cuja probidade quero saudar, pois dele dissemos frequentemente: «Que força não poderia ter para a Revolução!» Digo o que penso...

Muitas vozes da extrema esquerda.

Frossard.—Brace, que deu a sua vida ao socialismo e que evoca fatalmente a figura do mestre de todos: Jules Guesde. Devo-lhe esta homenagem e presto-lha.

Depois, voltando-se para o centro:

Não devés deixar-nos. Nós precisamos de vós e vós precisais de nós.

Evocando as horas trágicas em que a reacção francesa espreitava Jean Longuet, contra a qual se tramava um complot político que podia levar-a uma condenação, Frossard, com uma emoção que empolga o Congresso, adjura o centro a não esquecer já mais essas horas vividas em comum, a ficar no Partido onde tem o seu lugar e um papel para as batalhas futuras. Termina por uma saudação à Juventude, regosando-se por vê-la afilhar ao Partido, e cita a frase de Jaurès: «O caminho está ladeado de túmulos mas conduz à justiça.»

Prolongados aplausos coroam esta perorização, decidindo o Congresso, por unanimidade, a impressão do discurso de Frossard.

As exclusões

Frossard pronunciou-se sobre a questão das exclusões. Não pode havê-las

por motivos de factos passados. Se o

comité direutivo tiver que ocupar-se de

exclusões não será senão por actos de

disciplina caracterizados contra as

decisões que saírem desse congresso.

Em nome da maioria solidária, eu digo: que não de exclusões. Não pode ser de outra maneira. Desonra-me que se quecesse a solidariedade que nos ligou quando lutávamos juntos com camaradas que não estão connosco neste Congresso para o levantamento do Partido. Se a exclusão de Longuet pudessem sair desse Congresso eu iria com ele. Nada pode modificar a nossa resolução a este respeito.

Somos contra a política de aventuras. Não lançaremos amanhã o proletariado sob as metralhadoras do sr. Millerand. Fazemos a nossa preparação revolucionária para a organização, educação e recrutamento. Levaremos para esta obra a nossa audácia e a nossa prudência, ao mesmo tempo. A nossa política clara, energica, penetrará nas cidades esbordando nesses campos que marcham hoje para a Revolução russa como se marcha para o canhão.

A hora das separações souz talvez,

e Blum deseja que mais tarde possamos

defrontar-nos sem nos injuriar. Eu não os insultarei nunca. Há homens que conhecem há quinze anos e que são socialistas, afirmo-o: Blum, que trouxe para o Partido o seu talento e o seu carácter, Remaudel, com o qual nunca estive de acordo mas cuja coragem e cuja probidade quero saudar, pois dele dissemos frequentemente: «Que força não poderia ter para a Revolução!» Digo o que penso...

Muitas vozes da extrema esquerda.

Frossard.—Brace, que deu a sua vida ao socialismo e que evoca fatalmente a figura do mestre de todos: Jules Guesde. Devo-lhe esta homenagem e presto-lha.

Depois, voltando-se para o centro:

Não devés deixar-nos. Nós precisamos de vós e vós precisais de nós.

Evocando as horas trágicas em que a reacção francesa espreitava Jean Longuet, contra a qual se tramava um complot político que podia levar-a uma condenação, Frossard, com uma emoção que empolga o Congresso, adjura o centro a não esquecer já mais essas horas vividas em comum, a ficar no Partido onde tem o seu lugar e um papel para as batalhas futuras. Termina por uma saudação à Juventude, regosando-se por vê-la afilhar ao Partido, e cita a frase de Jaurès: «O caminho está ladeado de túmulos mas conduz à justiça.»

Prolongados aplausos coroam esta perorização, decidindo o Congresso, por unanimidade, a impressão do discurso de Frossard.

As exclusões

Frossard pronunciou-se sobre a questão das exclusões. Não pode havê-las

por motivos de factos passados. Se o

comité direutivo tiver que ocupar-se de

exclusões não será senão por actos de

disciplina caracterizados contra as

decisões que saírem desse congresso.

Em nome da maioria solidária, eu digo: que não de exclusões. Não pode ser de outra maneira. Desonra-me que se quecesse a solidariedade que nos ligou quando lutávamos juntos com camaradas que não estão connosco neste Congresso para o levantamento do Partido. Se a exclusão de Longuet pudessem sair desse Congresso eu iria com ele. Nada pode modificar a nossa resolução a este respeito.

Somos contra a política de aventuras. Não lançaremos amanhã o proletariado sob as metralhadoras do sr. Millerand. Fazemos a nossa preparação revolucionária para a organização, educação e recrutamento. Levaremos para esta obra a nossa audácia e a nossa prudência, ao mesmo tempo. A nossa política clara, energica, penetrará nas cidades esbordando nesses campos que marcham hoje para a Revolução russa como se marcha para o canhão.

A hora das separações souz talvez,

e Blum deseja que mais tarde possamos

defrontar-nos sem nos injuriar. Eu não os insultarei nunca. Há homens que conhecem há quinze anos e que são socialistas, afirmo-o: Blum, que trouxe para o Partido o seu talento e o seu carácter, Remaudel, com o qual nunca estive de acordo mas